

Na loja de louças

Fernando Pedreira*

O romancista norte-americano John Updike, muito admirado (entre outros menos votados) pelo editor brasileiro Sergio Lacerda, publicou recentemente em seu país um pequeno ensaio no qual critica severamente o hábito de artistas e escritores fazerem conferências ou palestras e, em geral, procurarem estabelecer contacto com o público por caminhos outros que sua obra, sua arte, seus escritos.

Updike começa citando Proust e Flaubert, dois respeitabilíssimos proponentes e praticantes da teoria da "torre de marfim", expressão, aliás, criada pelo segundo desses autores. Diz Flaubert, *apud* Updike: "Entre a multidão e nós, nenhum laço existe. Pior para a multidão; pior para nós, especialmente. Mas, uma vez que o capricho de um indivíduo me parece tão válido quanto o apetite de um milhão de homens, e pode ocupar espaço igual no mundo, devemos (des-cuidados de coisas materiais ou da humanidade, que nos repudia) viver para a nossa vocação, subir em nossa torre de marfim e lá, como a *bayadère* com seus perfumes, permanecer sozinhos com os nossos sonhos."

Proust, por sua vez, acreditava que "o altruísmo humano torna-se estéril quando deixa de ser egotista, como no caso do escritor que interrompe seu trabalho para ir visitar um amigo infeliz, para ocupar uma função pública, ou para escrever artigos de propaganda".

Num mundo dominado pelas emanções das torres de televisão, comenta Updike, é difícil continuar a crer no poder e na eficácia das torres proustianas ou flaubertianas. Mas, a crença do público de que o escritor, convidado a falar, tem realmente algo a dizer, é muitas vezes exagerada... Quando o artista abandona seu terreno próprio, o público perde duas vezes: perde porque o talento ou gênio do falador deixa de aplicar-se em sua obra verdadeira; e perde porque o produto dessas surtidas é freqüentemente moeda falsa.

Eis aí uma questão antiga, talvez insolúvel, que as campanhas políticas de agora tendem a reviver. Pode-se imaginar o que diria Marcel Proust de um Vargas Llosa, hoje candidato à Presidência do Peru. Mas, como manter-se alheio, indiferente, quando o povo e a nação inteiros, mergulhados numa grave crise, procuram um caminho novo, uma saída?

E, entretanto, ressalvadas as habituais exceções que confirmam a norma, o que essas bem-intencionadas intervenções da arte na política em geral revelam é apenas o despreparo e a inadequação dos interventores, metidos numa loja de louças que não é a sua. E o que pode ser ainda pior: falando com a entonação e a autoridade de coronéis de estado-maior, num combate em que são quase sempre apenas espectadores privilegiados.

No Brasil, a política faz-se mais em torno de nomes que de idéias. Quem, entretanto, se der ao trabalho de recensear os votos já declarados dos nossos intelectuais (artistas, atores, escritores, arquitetos, médicos, jornalistas) ou simplesmente analisar a massa do noticiário político dos grandes jornais verá que, na atual campanha, a preferência dos nossos "formadores de opinião" concentra-se, desde o início, e solidamente, nos candidatos Roberto Freire, Brizola, Lula e Covas. Isto é: concentra-se nos candidatos da esquerda, desde a esquerda tradicional do Partidão e de Prestes (e de seu aliado Brizola), preferido pelos mais velhos ou mais conservadores, até a "nova" esquerda radical do marxismo católico petista.

Pode-se, talvez, abrir uma janela para o tucano Covas (com seu ainda pouco convin-

cente "choque capitalista") nesta pesada muralha ideológica. Mas, os intelectuais brasileiros, ou ao menos seus porta-vozes, aqueles que ditam a moda dominante, permanecem bem amarrados à velha cidade-la marxista, à sua casamata de marfim, embora em gradações diversas, segundo o temperamento de cada um.

Que concluir daí? Que os jornalistas e intelectuais brasileiros não sabem de nada? Que não acompanham, já não se dirá a evolução das idéias no mundo, mas a revolução dos fatos, que os seus próprios jornais são obrigados a referir e comentar, na URSS, na China, no Vietnã, no Camboja, na Europa Oriental? O comunismo e o marxismo foram a grande tragédia do nosso século; o grande malogro, o grande erro que consumiu milhões de vidas e sacrificou nações inteiras. A *glasnost* do camarada Gorbatchov (conforme assinou Octavio Paz, um latino-americano que não usa antolhos, nem cabresto, na alma) é apenas a confissão, o reconhecimento disto.

Por que os nossos chamados intelectuais insistem no erro, e fingem (para os outros e para si próprios) que querem repeti-lo (como se isto fosse ainda possível)? Simplesmente porque seu voto, sua atitude política, funda-se, não na razão ou na inteligência, mas em velhas crenças e convicções, em preconceitos, em sentimentos e ressentimentos antigos, ancestrais. Em outras palavras: quem comanda o voto do intelectual (como o do cidadão comum) não é a cabeça; é o coração, o sentimento. A razão serve apenas para racionalizar *a posteriori* uma decisão cuja raiz verdadeira é afetiva e emocional.

No melhor dos casos, o voto do intelectual esquerdista é religioso: reflete sua lealdade para com uma coletividade ou uma igreja (o Partido, a Esquerda) e, acima de tudo, seu desejo de comunhão com o povo, com os humilhados e ofendidos da Terra — embora, paradoxalmente, ele já tenha hoje todos os elementos para saber que o caminho escolhido para essa suposta comunhão litúrgica leva ao sacrifício e à servidão ainda maiores do povo, e não à sua redenção.

Ora, pois. Restaria dizer que os políticos, os que têm idéias (inclusive Mário Covas), são também intelectuais e sofrem, freqüentemente, do mesmo mal. Mas, não são meros espectadores; e a prática, a necessidade de governar, leva ao menos os mais lúcidos dentre eles, os que são capazes de pensar com a própria cabeça e de liderar o rebanho, em vez de apenas acompanhá-lo, como o espanhol Felipe González, a pôr de lado a velha religião obscurantista e preconceituosa, e encarar a realidade dos fatos, numa sociedade revolucionada pela tecnologia moderna e que já não tem quase nada a ver com o mundo de cinquenta ou cem anos atrás.

Numa democracia, a tentativa (ou a necessidade) de comungar com o povo pode parecer irresistível. Mas se, para isso, é preciso entregar-se a um caudilho, um taumaturgo, um demagogo ou uma igreja (como o velho PC ou o novo PT), então o melhor, para o intelectual verdadeiro, é manter sua independência, guardar a distância que lhe permite exercer sua função essencial, que é a da crítica. Como Octavio Paz, como Tocqueville, como Raymond Aron. Na medida das forças e das fraquezas de cada um.

P.S. Esta semana, a política prendeu Naji Nahas, e José Sarney soltou Silvio Santos. Pobre Brasil. Que democracia é essa, que presidencialismo é esse, que deixam a nação à mercê de bandalhas dessa ordem? Esperemos que a Justiça ponha a mão nesses meliantes, antes que eles ponham a deles (outra vez) no baú da República.

* Jornalista